



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8996 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A TOMADA DE CONSCIÊNCIA NA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM BEBÊS

Vanessa Ferraz Almeida Neves - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Elenice de Brito Teixeira Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Alice de Paiva Macário - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq; FAPEMIG.

A TOMADA DE CONSCIÊNCIA NA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM BEBÊS

Resumo

O foco desse trabalho está nos complexos processos que pesquisadoras/es enfrentam enquanto conduzem pesquisa etnográfica com bebês em contextos coletivos de cuidado e educação. Para essa discussão, recorreremos à primeira fase do nosso programa de pesquisa cujo objetivo é compreender o processo de desenvolvimento cultural de doze bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil em Belo Horizonte. Baseadas no diálogo entre a Etnografia em Educação e a Psicologia Histórico-cultural, acompanhamos esses bebês entre 2017 e 2019. O material empírico é constituído por filmagens, fotografias e anotações. Ao longo do processo de pesquisa, fomos provocadas a ter diferentes posicionamentos ao estarmos juntas com bebês e suas professoras, bem como tomamos consciência das nossas próprias subjetividades e transformações enquanto pesquisadoras. Pesquisar envolve apropriação, subjetivação e a produção de sentidos para determinada realidade histórica e para si mesmo. No caso específico da pesquisa com bebês, a tomada de consciência relaciona-se com o acompanhamento das suas ações, linguagens, aproximações e distanciamentos. Implica, portanto, um tensionamento das nossas percepções imediatas e uma ação reflexiva, perpassando nossas histórias de vida, questões de estudo, formação teórico-metodológica, ações e relações com as professoras e bebês, a forma e os instrumentos de produção e análise do material empírico.

Palavras-chave: Educação Infantil; Bebês; Etnografia em Educação; Psicologia histórico-cultural; Consciência.

Introdução

A pesquisa etnográfica com bebês desafia nossas próprias subjetividades como pesquisadores/as, provocando tomadas de consciência ao longo do processo. É relevante

abordar essa questão se considerarmos que 3,8 milhões de crianças brasileiras de até três anos frequentam programas de Educação Infantil, bem como ao verificarmos o recente aumento de pesquisas voltadas a essa faixa etária em contextos coletivos. Argumentamos que a pesquisa acadêmica é uma produção social que tem relação com o que se espera dos bebês em uma sociedade. Como posicionamos os bebês e como nos posicionamos na pesquisa com eles/as são questões que exigem reflexão cuidadosa em direção ao enfrentamento teórico-político sobre a condição bebê.

Várias pesquisas mencionam a etnografia como aporte teórico-metodológico, bem como as particularidades da pesquisa com bebês em contextos coletivos de cuidado e educação (por exemplo, JOHANSSON e WHITE, 2011). Estar junto com os/as bebês e suas professoras provoca pesquisadores/as a expandir suas próprias subjetividades na presença do outro, alguém que é profundamente similar e diferente, e se afetarem por eles/as (ELWICK, BRADLEY e SUMSION, 2014). Portanto, decisões teóricas e metodológicas se tornam éticas e precisam ser melhor debatidas para que avancemos nas pesquisas do campo.

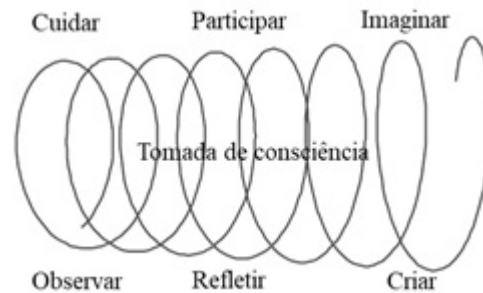
Com o intuito de contribuir com o aprofundamento dessa discussão em torno das especificidades da pesquisa com bebês, recorreremos à primeira fase do nosso Programa de pesquisa^[1], que tem como objetivo geral compreender o processo de desenvolvimento cultural dos bebês em um contexto coletivo de cuidado e educação. Com base no entrelaçamento entre a Psicologia Histórico-cultural e a Etnografia em Educação, acompanhamos um grupo de bebês em uma Escola Municipal de Educação Infantil em Belo Horizonte (EMEI Tupi), entre 2017 e 2019. O acompanhamento da turma foi realizado pelas pesquisadoras do grupo por meio da observação participante, das anotações de campo e, principalmente, das filmagens. Permanecemos na turma entre 7h30 e 17h na maioria dos 231 dias observados. O material empírico do Programa é composto por 897 horas das filmagens, fotografias e cadernos com notas de campo. Organizamos o Programa de Pesquisa com base em alguns princípios que fundamentam nossa lógica de investigação. Tais princípios têm sido amplamente discutidos (por exemplo, CORSARO, 1985) e serão aqui apenas mencionados. São eles: (i) longa permanência em campo de forma contínua e comprometida; (ii) as relações entre as partes e o todo; (iii) as relações entre o local e o global; (iv) a busca pela perspectiva das pessoas pesquisadas; (v) análise microgenética; (vi) lógica abductiva de investigação. A longa permanência em campo nos permitiu construir uma lógica de investigação (GREEN, DIXON e ZAHARLICK, 2005) que tem a *tomada de consciência* como seu fundamento.

A tomada de consciência e a atividade de pesquisa com bebês

No materialismo (MARX E ENGELS, 2007) e na Psicologia histórico-cultural, consciência e atividade constituem uma unidade, dois polos contrários que subsistem no processo de vir a ser do humano. Ao compreendermos a atividade como a produção de algo novo por meio da ação que requalifica nossas relações com o meio e com as pessoas, consideramos que a pesquisa acadêmica é uma atividade humana criadora e, como tal, carrega a possibilidade imanente de reorganizar a consciência daquele que a realiza.

No caso específico da pesquisa com bebês, a *tomada de consciência* relaciona-se com o acompanhamento das suas ações, iniciativas, linguagens, aproximações e

distanciamentos. Implica, mais além, um tensionamento das percepções imediatas e uma ação reflexiva por meio do processo de significação. Há, necessariamente, um duplo processo dialético de significação, ora das ações observadas no campo, ora do próprio pesquisador que se constitui e se transforma nas relações tecidas no desenvolvimento da pesquisa. Assim sendo, a *tomada de consciência* do/a pesquisador/a envolve um conjunto de elementos imprescindíveis no processo de pesquisa, perpassando sua história de vida, suas questões de estudo, sua formação teórico-metodológica, suas ações e relações com as professoras e bebês, a forma e os instrumentos de produção e análise do material empírico. Esse conjunto provoca uma complexa atividade de criação com bases nas relações pesquisadora/s e o campo de pesquisa. Nesse sentido, a *tomada de consciência* não é o ponto de partida e nem o de chegada da investigação, mas permeia todo o processo de pesquisa, como pode ser representado na figura 1, a seguir.



□ Figura 1: A *tomada de consciência* e o processo de pesquisa.

Entendemos que o processo de pesquisa compreende alguns princípios norteadores que balizam a entrada e permanência do nosso grupo na EMEI Tupi: (i) cuidar como base da relação com bebês e professoras, no sentido de reconhecer e acolher suas demandas (por exemplo, demandas para conversar ou acalantar um bebê); (ii) observar e participar do cotidiano investigado com a mediação dos registros fílmicos e escritos, em um *continuum* que oscila de acordo com a relação estabelecida com bebês e professoras; (iii) refletir individual e coletivamente acerca do vivenciado em campo, preservando e transformando os modos de ser e estar na relação com bebês e professoras, e dialogando com os campos teóricos da Psicologia histórico-cultural e da Etnografia em Educação; (iv) imaginar e criar possibilidades teórico-metodológicas, incluindo formas de transcrição e representação do material empírico. O processo de *tomada de consciência*, no centro da atividade de pesquisa, perpassa esses princípios e confere densidade a eles.

Neste processo, as pesquisadoras são afetadas e se modificam ao longo do processo, o que fica evidenciado nos eventos que analisaremos nessa seção. O primeiro deles, "*Brincando de roda no berçário*", está representado na figura 2, a seguir.



□ Figura 2: Paulo e Carlos brincam de roda (13/12/17).

Esse evento aconteceu pela manhã, logo após o momento da fruta. Há alguns brinquedos no tapete e as professoras fazem anotações nas agendas das crianças. A professora Telma canta uma música “*A baleia, a baleia...*” Paulo (19m 13d [2]) se aproxima de Carlos (17m 10d) e segura sua mão. Os dois meninos se olham, sorriem um para o outro e começam a balançar, ainda de mãos dadas (Quadro 1, fig. 2). Paulo olha para a professora cantar, se agacha, olha para Carlos e sorri (Quadro 2, fig. 2). Paulo se levanta, Carlos se agacha e diz “*miau*” (Quadro 3, fig. 2). Os dois se levantam e continuam de mãos dadas, se olhando, sorrindo e balançando (Quadro 4, fig. 2).

Uma das pesquisadoras que observa e filma a turma nesse dia, não percebe essa interação entre os dois bebês. Ela está sentada no chão, observando a turma com uma perspectiva mais próxima à dos bebês, em oposição a uma observação e filmagem realizada em pé. Uma outra bebê, Larissa (19m 20d), com blusa amarela, se aproxima da pesquisadora (Quadro 1, fig. 2). A pesquisadora conversa com ela: “*tá dando beijo? Dá um beijo na Luiza/ Dá um beijo*”. Larissa lhe mostra um brinquedo e se senta na almofada comprida da sala (Quadro 3, fig. 2). Um outro bebê, não focalizado na filmagem, se aproxima da pesquisadora e diz “*cocô*”, ao que a pesquisadora responde: “*Você está de cocô? Deixa eu ver.*” Percebe-se que a atenção da pesquisadora localiza-se para além do que a filmadora, apoiada em um tripé, está registrando. Ela é afetada pela proximidade dos bebês e interage com eles, orientada pelo cuidar como princípio da relação com o grupo pesquisado.

Em março de 2018, ao assistirmos a uma filmagem da turma em uma reunião do grupo de pesquisa, chama a atenção a iniciativa de Simone (22m 1d) para brincar de roda com Marina (22m 27d) e Bento (23m 11d). Nota-se que, ainda nesse evento (Fig. 3), o foco está para o que acontece na turma como um todo e não na brincadeira de roda.



□ Figura 3: Simone brinca de roda com Marina e Bento (05/03/18).

Nenhuma de nós se lembrava de ter visto esse modo de brincar na turma. A *tomada de consciência* coletiva possibilitou que, paulatinamente, essa prática cultural se tornasse o objeto de investigação individual de uma das pesquisadoras. Ao retomar as filmagens de 2017, esta pesquisadora percebe que, de fato, havia eventos filmados (como o evento da Fig. 2 e também da Fig. 4) não percebidos pelo grupo de pesquisa.



□ Figura 4: Simone enlaça crianças e professora na brincadeira de roda (02/04/18).

A pesquisadora que estava observando e filmando a turma nesse dia (Fig. 4), comenta:

Retomando a filmagem, percebo que meu foco estava na contação de história que acontecia no tapete (Quadro 01, fig. 4). Simone dançava sozinha pela sala. Quando ela tenta pegar a mão de Marina pela primeira vez, estou observando o que Valéria fazia (Quadro 02, fig. 4). Enquanto isso, Larissa, Simone e Marina já haviam começado a brincadeira. Só me dou conta de que elas estão fazendo algo, quando Marina se agacha e diz “miau” (Quadro 03, fig. 4). Pela filmagem, podemos ver que giro rapidamente a câmera (tanto que a filmagem fica um pouco desfocada – quadro 04, fig. 4) e focalizo a brincadeira que está acontecendo. Marina foge pela porta da sala e continuo acompanhando. Quando Marina volta, já estou focada na possibilidade da brincadeira de roda que é, então, retomada pelas três meninas (Quadro 05, fig. 4). Percebo que o “miau” verbalizado por Marina é um marcador que chama a atenção para a cantiga “Atirei o pau no gato” e me lembro que pensei naquele momento: isso é brincadeira de roda! Nota de campo (02/04/18).

No dia 06/06/20 (Fig. 5), torna-se perceptível que as ações da pesquisadora em campo foram transformadas pela retomada das filmagens e pelas reflexões coletivas.



□ Figura 5: Focalizando a brincadeira de roda.

A pesquisadora comenta sobre esse dia:

Estou no parque com a turma e focalizo Simone (25m 28d), Marina (26m) e Marcela (25m 09d) que brincam com uma bolinha vermelha (Quadro 01, fig. 5). Ao fundo, percebo que há um grupo brincando de roda (Quadro 02, fig. 5). Troco rapidamente a bateria da filmadora que havia acabado. Ao perceber que a brincadeira continua acontecendo, dou um zoom na filmagem (Quadro 03, fig. 5) e me aproximo lentamente do grupo que brinca e consigo registrar o desenrolar da brincadeira, escutar seus sons e olhar para as crianças que brincam (Quadro 04, fig. 5). Nota de campo (02/04/18).

A importância das brincadeiras de roda no percurso dessa turma se reafirma ao percebermos que Marcela e Marina se juntam ao grupo que brinca de roda (Quadro 04, fig. 5). Percebe-se que o olhar da pesquisadora, inicialmente, focaliza o encontro entre as três meninas e sua intencionalidade de captar esse encontro é visível (Quadros 01 e 02, fig. 5). Ela é afetada por esse encontro e, ao mesmo tempo, pela brincadeira de roda que começa a acontecer. A tensão na escolha do foco da filmagem é resolvida, nesse caso, pela tomada de consciência no grupo de pesquisa em relação à relevância de determinada prática cultural para aquele grupo e, simultaneamente, pela tomada de consciência no momento mesmo em que a pesquisadora decide “abandonar” o encontro das três meninas e focalizar a brincadeira de roda que começa a acontecer.

Conclusões

Conforme discutido ao longo do texto, o percurso da pesquisa é sensível ao encontro com os bebês e suas professoras. A apropriação dos estudos sobre bebês não nos impulsiona a ignorar ou suplantam o conteúdo sensível, mas, a produzir novos significados sobre as formas de estar com bebês e suas professoras em busca de uma maior compreensão acerca de seus processos de desenvolvimento cultural. Os acontecimentos em campo, na pesquisa etnográfica, guiam nossas decisões, que são marcadas por afetos e pensamentos. Estamos, assim, sendo guiadas pela dimensão afetiva e, simultaneamente, pelos estudos sobre os bebês e seus processos de desenvolvimento. As risadas, choros, olhares e falas tornam-se indícios que são captados por uma tomada de consciência afetiva e cognitiva para determinados aspectos do grupo.

Referências

CORSARO, William A. *Friendship and peer culture in the early years*. Norwood, N.J.: Ablex; 1985.

ELWICK, Sheena; BRADLEY, Benjamin; SUMSION, Jennifer. Creating space for infants to influence ECEC practice: The encounter, écart, reversibility and ethical reflection. *Educational Philosophy and Theory*, 46(8), 873-885. 2014.

GÓES, Maria Cecília R. A abordagem microgenética na matriz Histórico-Cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Caderno CEDES*[online], v. 20, n.50, p. 9-25, 2000.

GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista: Belo Horizonte*, v. 42, p.13-79, 2005.

JOHANSSON, Eva; WHITE, E. Jayne. (Eds.). *Educational research with our youngest: Voices of infants and toddlers.*, Springer, Dordrecht, The Netherlands. 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich *A Ideologia Alemã*. 3.ed. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANELLA, Andréa V.; REIS, Alice C.; TITON, Andréia P.; URNAU, Lílian C.; DASSOLER, Tais. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em Psicologia. *Psicologia e Sociologia*, v. 19, n. 2, Porto Alegre, Mai/Ago.; 2007.

[1] Projeto aprovado no COEP: 62621316.9.0000.5149.

[2] A idade dos bebês está representada em meses (m) e dias (d) em relação ao evento analisado.